

Concurso revela
novos talentos
da regência

PÁGINA 3



Veja os filmes que
disputam Festival
de Locarno

PÁGINA 5



Valter Hugo Mãe
foi o autor mais
vendido na Flip

PÁGINA 7



2º CADERNO

Clarice entre nós

Beth Goulart
retorna
aos palcos
cariocas com
espetáculo
que já
percorreu
289 cidades
brasileiras



Fabian/Divulgação

Por **Affonso Nunes**

Beth Goulart escolheu uma companhia especial para celebrar meio século de carreira: Clarice Lispector. A partir desta sexta-feira (8), o Teatro Fashion Mall recebe “Simplesmente Eu, Clarice Lispector”, espetáculo que a atriz concebeu, dirige e protagoniza há 16 anos, transformando-se numa das mais duradouras homenagens teatrais à escritora ucraniana naturalizada brasileira. A trajetória do espetáculo impressiona pelos números: desde a estreia em 2009, já passou por 289 cidades brasileiras, conquistou prêmios importantes como Shell de Melhor Atriz e Qualidade Brasil de Melhor Espetáculo. Somente na temporada deste ano, mais de 3.500 estudantes assistiram à montagem.

Continua na página seguinte

*Beth
Goulart
criou o
espetáculo
há 16 anos
após árdua
pesquisa
do universo
da autora*

O encontro entre Beth e Clarice começou na adolescência, quando a atriz leu “Perto do Coração Selvagem” e se identificou profundamente com Joana, a protagonista inquieta do romance de estreia da escritora. “Eu achava que não era compreendida. O que fazer com isso tudo dentro de mim, com esse processo criativo? Só Clarice me entendia”, confessa a atriz, revelando o início de uma paixão que se transformaria em projeto artístico décadas depois.

Para criar o espetáculo, Beth mergulhou em dois anos de pesquisa extensa, seguidos por seis meses de preparação e dois meses de ensaio. A dramaturgia se constrói a partir de trechos de entrevistas, depoimentos e correspondências da escritora, unidos por um fio condutor que a atriz identifica como essencial na obra clariceana: o amor. “Clarice falava sobre o amor maternal, o relacionamento, o amor a Deus, à natureza, ao próximo. Escolhi esse viés para apresentá-la ao público”, explica Beth.

No palco, a atriz dá vida não apenas à escritora, mas também a quatro de suas personagens femininas, cada uma representando facetas distintas da própria Clarice. Joana, de “Perto do Coração Selvagem”, encarna o impulso criativo selvagem; Ana, do conto “Amor”, representa a fase dedicada ao marido e aos filhos; Lóri, de “Uma aprendizagem ou O livro dos prazeres”, é a professora primária que se prepara para descobrir o amor; e uma personagem sem nome de “Perdoando Deus” traz a ironia, inteligência e humor característicos da obra lispectoriana.

A montagem conta com cenografia minimalista assinada por Ronald Teixeira e Leobruno Gama, trilha sonora original de Alfredo Sertã, iluminação de Maneco Quinderé e supervisão artística de Amir Haddad, que após acompanhar os ensaios declarou: “O espetáculo já está pronto”. A caracterização recebeu tratamento especial, com Beth optando por uma maquiagem neutra que permite



Beth Goulart construiu a dramaturgia a partir de quatro personagens de Clarice Lispector

‘Só Clarice me entendia’, diz a atriz

transitar livremente entre as diferentes personagens. “O espetáculo todo é como se fosse uma grande folha em branco a ser escrita por essas personagens, pelos movimentos, pelas ações, pelos sentimentos, pela luz”, define a atriz.

Paralelamente ao espetáculo, o foyer do teatro abriga a mostra “Entre Ela e Eu”, com curadoria de Beth Goulart e Ronald Teixeira. A exposição apresenta o processo de criação da montagem através de pranchas em grande formato com fotos e informações sobre Clarice,

além de reproduções de retratos da escritora criados por artistas plásticos como Carlos Scliar, Giorgio de Chirico, Ceschiatti, Dimitri Ismailovitch e Loredano. “A mostra nasceu da inspiração que Clarice Lispector foi, e continua sendo, para mim e muitos artistas. Todos nós fomos impactados por sua obra e nos sentimos impelidos a criar a partir dessas impressões”, reflete Beth.

O espetáculo trabalha temas centrais da literatura de Clarice Lispector como criação, vida e

morte, cotidiano, solidão e arte, explorando conceitos característicos da escritora como o vazio, o silêncio e o “instante-já” – aquele momento único de revelação que Beth define como “um flash, um insight, em que tudo se esclarece”. Para a atriz, interpretar Clarice representa a realização de um sonho antigo: “Eu sempre acalentei essa vontade de um dia poder dar meu corpo, minha voz, minhas emoções para colocá-la viva em cena”.

Beth reconhece na obra de

Clarice Lispector não apenas uma fonte de inspiração artística, mas também um espelho para suas próprias reflexões. “Usando as palavras dela, eu também estou falando de mim, eu me revelo através de minhas escolhas”, admite a atriz que se sente unida à autora na busca de compreensão da condição humana.

Após cada apresentação, o público é contemplado com sorteio de livros da obra de Clarice Lispector, reforçando o compromisso da montagem em fomentar a leitura e aproximar novas gerações da literatura da autora de “A Hora da Estrela”.

SERVIÇO

SIMPLESMENTE EU, CLARICE LISPECTOR

Teatro Fashion Mall (Estrada da Gávea, 899 – Sala 213, São Conrado)

De 8 a 31/8, sextas e sábados (20h) e domingos (19h)

Ingressos: R\$ 120 e R\$ 60 (meia)

Por Affonso Nunes

O I Concurso de Regência Maestro Isaac Karabtchevsky chega às fases decisivas com 15 jovens músicos brasileiros classificados para disputar uma oportunidade única de reger a Orquestra Petrobras Sinfônica. A iniciativa inédita é também uma celebração aos 90 anos do maestro homenageado e os 50 anos da própria orquestra.

Dos 130 candidatos iniciais, apenas 15 sobreviveram ao criterioso processo seletivo conduzido por uma banca composta pelo próprio Isaac Karabtchevsky, o maestro associado Felipe Prazeres, o spalla Ricardo Amado, o presidente do Conselho Diretor Carlos Mendes e a representante da Diretoria Artística Camila Bastos. A segunda fase foi realizada na sede da orquestra, na Fundação Progresso, quando os competidores enfrentaram o desafio técnico de reger dois pianistas em obras de Mozart: a abertura de “A Flauta Mágica” e o primeiro movimento do Concerto para piano nº 20.

A novidade será a fase final aberta ao público, nesta quinta e



O maestro Isaac Karabtchevsky integra a banca do concurso que leva seu nome

Procuram-se maestros

Jovens disputam concurso que abre espaço para nova geração da regência brasileira

sexta-feiras (7 e 8), na Sala Cecília Meireles. Com ingressos a preços populares de apenas R\$ 10 para a

plateia superior, os espectadores poderão acompanhar os finalistas regendo a orquestra completa na

execução das “Bachianas Brasileiras nº 4”, de Villa-Lobos. “Chegar à fase final deste concurso é um atestado

legítimo de grandeza e criatividade. Mais do que uma competição, este é um momento de afirmação de talentos e de esperança para o futuro da música de concerto no Brasil”, afirma Karabtchevsky.

Além de premiação em dinheiro (R\$ 8 mil), o primeiro colocado regerá a orquestra no Teatro Municipal em 27 de agosto, interpretando obras de Liduino Pitombeira e Villa-Lobos. O segundo lugar comandará concertos em novembro de 2025 na Cecília Meireles, com peças de Marcelo Bonfim e Beethoven, levando R\$ 5 mil. E o terceiro colocado receberá R\$ 3 mil.

“Após um criterioso processo de seleção que utilizou parâmetros técnicos e artísticos rigorosos, foram selecionados 15 finalistas. Agora temos a alegria de convidar todo público para acompanhar esse momento tão especial”, convidou Ricardo Amado.

SERVIÇO

I CONCURSO DE REGÊNCIA MAESTRO ISAAC KARABTCHEVSKY
Sala Cecília Meireles (Largo da Lapa, 47)
7 e 8/8, às 14h30
Ingressos: R\$ 10

CRÍTICA / DISCO / SANGRIA

Por Aquiles Rique Reis*

Hoje trataremos de “Sangria” (independente), o novo álbum do cantor e compositor Pedro Iaco. Eu o conheço desde 2020, quando comentei o seu recém-lançado trabalho. Sob o título “O dono da Voz Encantada”, escrevi sobre ele na ocasião: “Foi numa breve viagem que veio o encantamento (...). Voei nos braços de um pássaro que me ensinou a idealizar antes de avaliar. Nas asas do ser alado, ao invés de agrihloado, o tempo deixou de ser manhãdiatardenoite. Ainda que meio desacorçoado, pude sentir a vida girar fora de seu eixo”.

Ao contrário do álbum anterior, com parcerias suas e diversos parceiros, neste Sangria todas as músicas e letras são de Iaco, salvo “Valsa do Apocalipse”, feita com

Emílio Terron.

E eis que ele soa ainda mais audacioso. Suas composições mais libertas e arrojadas na engenhosidade que o ilumina. Desde os ótimos arranjos de Elodie Bouny, com instrumentações feitas na medida para complementar os delírios poéticos de Iaco, tudo nos permite viajar por entre sua voz encantada. E como é bom ver que um jovem cantautor evoluiu de uma forma tão categórica que o seu tempo deixou de ser apenas Sol ou Lua para ser, simplesmente, presente.

As músicas: “Sangria” – Pedro Iaco: vozes, Ensemble SP: cordas, Paloma Pitaya: violino. “Vênus” – Luisa Lacerda: Pedro Iaco, voz, Liuba Klevtsova: harpa. “Deus



Divulgação

Sol” – Pedro Iaco: voz, Ensemble SP: cordas; “Sol da Meia-Noite” – tema instrumental: piano; “Moonvow” (“The Wind Blows”) – Pedro Iaco: voz e violão, Hansi Kürsch: voz e Marcus Siepen: violão (ambos da banda alemã de metal Blind Guardian). “Pavane” – Pedro Iaco: voz, En-

semble SP: cordas. “Alma de Choro”: Duo Siqueira Lima: cordas. “Valsa do Apocalipse” – Pedro Iaco: voz, Mui Mbana: voz, Coro Lírico: voz, André Mehmar: cravo, Thiago Lamartina: vibrafone e percussão. “Coraçãozinho” – Pedro Iaco: voz e violão, Elodie Bouny: violão. “Galope em Pé de Vento” – Pedro Iaco: voz e violão, Ensemble SP: cordas, Guegué Medeiros: percussão. “Sol do Meio Dia” – Pedro Iaco: voz e violão, Elodie Bouny: violão. “Sol da meia-noite” – Pedro Iaco: voz, Erika Ribeiro: piano. “O Voo do Espírito Livre” – Pedro Iaco: voz, André Mehmar: cravo.

Ouçam “Sangria” (<https://11nk.dev/6S7R3>) e, de quebra,

desmistifiquem a “certeza”, falsa como nota de três reais, de que a música de hoje ainda vive de Chiccos e Caetanos. Aí, gente, na boa; grandes talentos não param de surgir e de lançar músicas tão boas quanto a dos veteranos. Basta buscar ouvi-los e crer.

Por fim, é bom notar que em “Sangria”, assim como em “Brazilian Suite Nº for Piano and Viola”, o CD de João Marcondes - tema recente neste espaço -, sinais de música erudita e experimental baseada na popular amalgamam-se sem zunzunzuns, na paz! A música brasileira agradece.

Ficha técnica: Direção musical e arranjos: Elodie Bouny. Produção musical: Elodie Bouny e Pedro Iaco. Gravação: Adonias Jr (Estúdio Arsis).

*Vocalista do MPB4 e escritor

ENTREVISTA / JOÃO PEDRO ZAPPA, ATOR

‘Estruturo minha investigação até sintonizar minha frequência na rádio da personagem’

Philipp Lavra/Divulgação

Por Rodrigo Fonseca

Especial para o Correio da Manhã

Aum só tempo devastador e encantador, qual uma força da natureza, na pele do escritor Paulo Coelho (em seus tempos de compositor) na série “Raul Seixas: Eu Sou”, do Globoplay, João Pedro Zappa volta a reafirmar a relevância estética que o biopic (épico biográfico) tem hoje no audiovisual brasileiro. A produção da O2 reverbera os efeitos sonoros de Raulzito (interpretado por Ravel Andrade) em nossa cultura, mas não deixa de lado um de seus parceiros de maior relevo artístico: o autor de “O Alquimista” e “Brida”. Ali, Zappa deita e rola. Em 2017, o ator arrebatou o Festival de Cannes à frente de “Gabriel e a Montanha”, revivendo a cruzada do economista Gabriel Buchmann, que morreu no Monte Mulanje, no Malaui. Na sequência, interpretou Santos Dumont (1873-1932) em projeto da HBO.

Na entrevista a seguir, Zappa fala sobre o exercício de composição de pessoas reais.

Assim como “Gabriel e a Montanha”, “Raul Seixas: Sou Eu” te põe no ambiente da narrativa biográfica. Que desafios existem nesse exercício de “dar vida” a vidas alheias?

João Pedro Zappa: Quando se faz um papel de alguém que existe — vivo ou morto —, o ator já tem um direcionamento concreto do que precisa pesquisar. Vai estudar a vida da personagem, aprender sobre ela. Não tem como fugir disso. Você vai olhar pra tudo o que conseguir encontrar de registros daquela pessoa. Áudios, fotos, vídeos, entrevistas,



depoimentos de amigos, estudiosos. No caso do Santos Dumont, como ele viveu em uma época muito distante, o material de vídeo é restrito, mas é um personagem histórico, tem muita informação sobre os acontecimentos de sua vida. O Gabriel não era famoso, mas sua história é recente. Seus amigos e familiares eram acessíveis e voluntariosos. Também tive acesso a muitas fotos. O Paulo Coelho já tem bastante registro de vídeo, como entrevistas e antigas gravações. Eu estruturo a minha investigação no material concreto disponível. Aí, fico vendo, escutando, observando, lendo, absorvendo o máximo, pra interiorizar o jeito de falar, o corpo, os gestos, até

me apropriar daquilo. Até sentir que consigo sintonizar minha frequência na rádio daquela personagem, viver as cenas, e depois voltar, que também é importante.

Quem era o Paulo Coelho pra você antes da série e que força existe nele que você encontrou no processo?

Paulo Coelho, para mim, era o fenômeno best-seller brasileiro que, em um momento da sua juventude, tinha sido amigo e parceiro musical do Raul Seixas. Já tinha o meu máximo respeito por tudo o que ele conquistou. E, ao mesmo tempo, o Raul é o meu primeiro grande ídolo, desde criança e sempre. Existe

uma certa resistência — que para mim, parte de uma visão meio simplista — de alguns fãs, aos parceiros do Raul. Como se alguém pudesse ter feito algo diferente que salvaria o Raul. Bobagem, mas confesso que nunca tinha parado pra pensar a história do ponto de vista do Paulo, e me colocar em seu lugar foi transformador. Eu pude compreender a magia, a profundidade, a complexidade e a potência desse grande encontro entre Paulete e Raulzito. Um foi muito importante para o outro. E os dois foram muito importantes pra mim. Poder encenar isso tudo com meu grande amigo (e ator magnífico), o Ravel, foi uma festa que celebra esse encontro e eterniza na série. Saio desse trabalho ainda mais fã de Raul Seixas e Paulo Coelho.

De que forma a série, ao falar de música, ampliou ou mudou o seu repertório musical?

Sempre fui fã de Raul. Chego (à série) sabendo todas as músicas de trás pra frente, sem trabalho prévio, só com os muitos anos de repertório de uma vida de idolatria. Ainda assim, aprendi muitas coisas novas com os roteiros, a pesquisa dos diretores e do próprio Ravel e dos preparadores de elenco, além da minha própria sobre o Paulo. Além disso, conheci o Kassim, que assinou a produção musical e trilha da série, e atores músicos, como o Chinaina e o Johnny O'Donnel. Quando se convive com um povo desse, é impossível sair ileso musicalmente, sempre há impacto. Eu sou um cara muito aberto e eclético para a música. Sem música não dá pra viver.

Quais os planos para o segundo semestre? A peça “Aqueles que deixam Omelas”, um de seus maiores acertos profissionais nos palcos, vai voltar? O que aquele espetáculo te deu de mais valioso?

Com certeza a gente volta. Meu plano para o segundo semestre é trabalhar, o máximo que eu puder. Minha agenda está aberta — que os deuses da arte me convoquem mais uma vez. Por ora, tenho um filme para fazer no fim do ano e umas datas da peça em São Paulo. Temos essas duas datas (para “Omelas”) no fim do ano, em São Paulo, mas planejamos fazer mais uma temporada no Rio. Essa peça marca um retorno ao teatro após seis anos longe dos palcos. Reacendeu a chama teatral, que é a primeira chama de todo ator, e me deu o sabor da autonomia de fazer um projeto do zero, de forma artesanal. É uma parceria especial com meu diretor, o João Maia. A peça é nossa e de quem apostou na gente desde o início.

Pan Cinema - Visan



Camille Cottin e Zar Amir Ebrahimi estrelam 'Le Pays D'Arto', longa de abertura de Locarno

Um dos festivais mais respeitados do mundo, Locarno inicia sua 78ª edição com drama sobre conflito na Armênia e inclui um vampiro meio brasileiro, meio romeno na competição

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Centrado num acerto de contas entre o pertencimento territorial e a intolerância política, "Le Pays d'Arto", drama em que a cineasta Tamara Stepanyan exorciza demônios de sua Armênia natal, é a produção escolhida para a arrancada da 78ª edição do Festival de Locarno, na Suíça, na noite desta quarta-feira (6).

Camille Cottin, uma das estrelas francesas que mais crescem em popularidade nas telas do Velho Mundo, é a protagonista desse ensaio geográfico sobre finitude, que o curador Giona A. Nazzaro, diretor artístico do evento desde 2021, exibirá fora de concurso, na Piazza Grande.

É a praça da cidade, que fica a duas horas de Milão, na fronteira com a Itália. É lá que Tamara estreia a saga de Céline (papel de Cottin), que chega em terreno armênio para legalizar a morte de seu marido Arto, mas descobre que ele mentiu para todos: forjou

Na toca do Leopardo

SagaFilm



'Dracula', de Radu Jude, tem o brasileiro Rodrigo Teixeira como produtor

uma identidade para si, num conflito armado da década de 1990 e é considerado um desertor. No dia seguinte a essa exibição, começa a disputa pelo troféu mais cobiçado da maratona helvética, o Leopardo de Ouro. O Brasil está na medula de um dos 18 concorrentes, que vem da Romênia.

Pilotado por Radu Jude, "Dracula" tem como produtor o carioca radicado em São Paulo Rodrigo Teixeira, da RT Features. Antes de estar ao lado de Walter Salles na conquista do Oscar dado a "Ainda Estou Aqui", Teixeira foi à Berlinale, na Alemanha, em fevereiro, apoiar Jude em outro longa-metragem, "Kontinental '25", também produção

sua, que saiu da capital alemã com o prêmio de Melhor Roteiro. Seu trabalho mais recente estreia em Locarno no dia 10. Trata-se de uma releitura que o aclamado diretor romeno faz de um dos maiores patrimônios folclóricos de sua nação. Afinal, antes de virar livro, em 1897, nas mãos do dublinense Bram Stoker (1847-1912), Vlad Tepes Draculea (1431-1476), o Empalador, viveu neste mundo e, segundo os livros de História, matou gente a rodo, à frente do Principado da Valáquia, ali ao norte do Baixo Danúbio e ao sul dos Cárpatos Meridionais. Esperam-se imagens documentais, sátira política, espi-nafradas na União Europeia e (talvez) terror

CONCORRENTES AO LEOPARDO DE OURO

- *"Le Bambine" ("Mosquitoes"), de Valentina e Nicole Bertani
- *"Dry Leaf", de Alexandre Koberidze
- *"With Hasan in Gaza", de Kamal Aljafari
- *"The Lake", de Fabrice Aragno
- *"Tales of the Wounded Lands", de Abbas Fahdel
- *"The Seasons", de Maureen Fazendeiro
- *"Dracula", de Radu Jude
- *"God Will Not Help", de Hana Jušic
- *"Yakushima's Illusion", de Naomi Kawase
- *"Mektoub, My Love: Canto Due", de Abdellatif Kechiche
- *"Desire Lines", de Dane Komljen
- *"White Snail", de Elsa Kremser e Levin Peter
- *"Two Seasons, Two Strangers", de Sho Miyake
- *"Sorella di Clausura", de Ivana Mladenovic
- *"Solomamma", de Janicke Askeveld
- *"Donkey Days", de Rosanne Pel
- *"Phantoms of July", de Julian Radlmaier
- *"Mare's Nest", de Ben Rivers

dessa nova visão sobre sua lenda.

Jude fez fama ao ganhar o Urso de Ouro de 2021 com "Má Sorte No Sexo ou Pornô Acidental". A provável excelência de seu exercício autoral vampírico será submetida ao crivo do júri oficial de Locarno, presidido pelo diretor cambojano Rithy Pahn. Entre seus competidores, impõem respeito "Mektoub, My Love: Canto Due", do franco-tunisian Abdellatif Kechiche; "White Snail", que Elsa Kremser e Levin Peter trazem da Áustria; "As Estações", da portuguesa Maureen Fazendeiro; e "Dry Leaf", do fabulador georgiano Alexandre Koberidze. Na semana passada, a badalada diretora japonesa Naomi Kawase (de "Esplendor") finalizou o esperado "Yakushima's Illusion", com Vicky Krieps, para apresentar no certame suíço. Sua chegada é esperadíssima.

Uma das atrações mais esperadas de Locarno este ano, escalada como sua atração final, no dia 16 de agosto, é a nova versão (agora musical) de "O Beijo da Mulher Aranha", o livro de Manuel Puig (1932-1990), que inspirou um dos maiores êxitos do diretor Hector Babenco (1946-2016), em 1985. Jennifer Lopez encarna o papel que foi de Sonia Braga. O longa, dirigido por Bill Condon, passa no encerramento do festival, e tem Diego Luna e Tonatiuh nos papéis que foram de Raúl Julia (1940-1994) e William Hurt (1950-2022), que ganhou o Oscar pela versão de Babenco, interpretando o decorador Molina.

Por **Thales de Menezes**
(Folhapress)

Eddie Murphy talvez seja o ator cômico do cinema americano mais identificado com os filmes de ação. Ele dispara igualmente balas e piadas em sucessos que geram franquias. Aos 64 anos, ainda se sente à vontade para mais um exemplar do gênero, “A Última Missão”, produção para streaming do Prime Video.

Na década de 1980, ele se tornou astro atuando como uma usina de deboche ao lado de parceiros policiais mais velhos. Em “48 Horas” (1982), Reggie Hammond era um condenado à prisão que se aliava ao detetive interpretado por Nick Nolte para solucionar um caso, e ele enlouquecia o parceiro. Depois, em “Um Tira da Pesada” (1984), fez o papel de Axel Foley, um policial negro num bairro de brancos ricos que infernizava os vilões e seus próprios colegas.

“24 Horas” teve uma continuação de igual sucesso, e “Um Tira da Pesada” virou franquia de quatro longas. Tudo leva a crer que “A Última Missão” pode ter o mesmo destino, porque na tela a química é ótima entre Murphy e seu parceiro, vivido por Pete Davidson.

“Logo que terminamos as filmagens tivemos conversas sobre isso. Por que não uma sequência? Em audições-teste, as pessoas amaram o filme. E eu também tive uma química muito boa com Eva Langoria”, diz Murphy, se referindo à atriz famosa por sitcoms, como “Desperate Housewives”, que faz a mulher de seu personagem, Russel Pierce.

No dia do aniversário de casamento, após prometer chegar cedo em casa para comemorar, Pierce tem um novo parceiro em seu trabalho de transportar montanhas de dinheiro em um carro-forte. Travis Stolly é um novato, totalmente trapalhão, que no fim de semana foi seduzido por uma mulher sem saber que ela é chefe de uma quadrilha que tirou dele informações para assaltar o carro-forte na estrada.

A primeira metade do filme é uma perseguição alucinada, um “Mad Max” cheio de humor, com a



Eddie Murphy e Pete Davidson mostram-se uma dupla entrosada na trama de ‘A Última Missão’

‘Não se pode menosprezar o público’

Craque da comédia e dos filmes de ação, Eddie Murphy está de volta às telas com ‘A Última Missão’

dupla tentando fugir dos bandidos que chegam em carros velozes. No meio da história, há uma grande virada no roteiro, praticamente transformando a segunda parte em outro filme. As prévias da crítica americana elogiam bastante.

Murphy explica por que aceitou o projeto. “Pelo roteiro, sem dúvida. Normalmente, você recebe um roteiro e ele ainda passa por vários outros estágios antes de chegar a uma versão definitiva. Você já sai dando palpites, ‘muda aqui’, ‘muda ali’, e isso é normal. Mas este roteiro era sólido e já tinha o ritmo da

narrativa. Eu pude imaginar visualmente o filme inteiro enquanto lia o que estava escrito. Acredito que 90% do que você vê na tela já estava ali desde o início.”

Provavelmente a maior surpresa para os fãs, acostumados a ver Murphy sempre como o sarcástico, o dono das piadas, é assistir a um personagem ranzinza, tenso, deixando as maluquices para o colega Pete Davidson. Mas ele não admite que seu personagem não tem humor.

“Não! Russell é engraçado! Travis tem o humor mais selvagem, ele

é o cara totalmente desenganchado do mundo. Eles são diferentes. Travis é solteiro, dorme com a mulher que quiser. Meu personagem é casado, já sossegou. Ele é alto e branco, eu sou preto e mediano. E há um abismo de gerações. Acho que o humor vem da oposição dos dois, então Russell também faz humor.”

Ele abaixa a guarda ao aceitar que a idade traz mudanças. “Precisa ser diferente. Eu envelheci. Eu faria ‘48 Horas’ do mesmo jeito hoje? Não. Seria mais fácil eu ficar com o personagem do Nick Nolte. Seria a voz da razão, o cara mais velho. Em

passsei dos 60, não? Ninguém quer um touro bravo com 64 anos.”

Murphy já se acostumou com repetições de papéis motivadas pelo sucesso. São quatro filmes como Axel Foley, dois como Reggie Hammond, dois como o dr. Doolittle, o veterinário que fala com os animais, dois como Sherman Klump, de “O Professor Alopado”, e vai agora para a quinta dublagem do burrinho na animação “Shrek”.

“É fácil voltar a um personagem se você realmente tiver algo diferente para fazer com ele. É preciso levar em consideração o tempo todo que o público já conhece o personagem, não vai aceitar a mesa piada nem atitudes conflitantes como o que ele já viu antes.” Ele dá o exemplo da continuação de “Um Príncipe em Nova York” (1988), produzida 33 anos depois.

“No esboço de roteiro para esse segundo filme, o personagem tinha se separado da mulher e aí coisas novas aconteciam. Mudamos, porque eu achei que era impossível fazer desse jeito, porque o primeiro filme terminou em clima de conto de fadas. Se ele e a mulher se separam, onde foi parar o felizes para sempre? O público não iria aceitar. Você nunca pode menosprezar seu espectador.”

Sara de Santis/Divulgação



Valter Hugo Mãe durante sessão de autógrafos de seu novo livro, 'Educação da Tristeza', na Flip 2025

Valter Hugo Mãe tem os dois livros mais vendidos da Flip

Autor português é seguido por Rosa Montero, Neige Sinno, Sandro Veronese e Ilan Pappé

Por **Walter Porto e Vitoria Damasceno** (Folhapress)

Os dois livros mais vendidos pela livraria oficial da Flip neste ano foram do português Valter Hugo Mãe, que voltou à festa literária de Paraty para uma participação celebrada depois de 14 anos. Sua obra é publicada pela Biblioteca

Azul. Seu lançamento “Educação da Tristeza” foi o campeão de vendas na livraria operacionalizada pela Travessa no festival, seguido por “O Filho de Mil Homens”, romance lançado em 2011 que ganha novo fôlego com uma adaptação feita pela Netflix com Rodrigo Santoro no papel principal. O filme deve sair ainda neste ano.

Publicado pela Globo Livros, “Educação da Tristeza”, é inspirado pela perda precoce do sobrinho Eduardo, morto por câncer no ano passado aos 16 anos, do próprio pai, e da amiga e artista plástica Isabela Lhano, morta em 2023. A obra reúne textos curtos e ilustrações produzidos pelo autor para refletir sobre o luto, a perda e as saudades. “Quando eu digo à minha mãe naquela noite horrenda de perder a Isabel, quando eu digo que está tudo bem, quando eu sou capaz de estar diante dela sem chorar, eu percebi que isso era uma forma de eu edu-

car a tristeza. Fazer com que a tristeza não se sobrepusesse ao amor que eu tenho por Isabel, ao orgulho”, disse o autor em sua participação na Flip.

Hugo Mãe veio também divulgar a produção da Netflix inspirada em seu romance “O Filho de Mil Homens”. O filme tem direção de Daniel Rezende e Rodrigo Santoro no papel do pescador Crisóstomo. “Eu acho que é possível que o filme seja melhor que o livro”, disse, admitindo que gostaria de ter tido algum tipo de influência na produção mas que optou em deixar Rezende à vontade.

O terceiro livro mais procurado do festival foi “O Perigo de Estar Lúcida”, publicação mais recente de Rosa Montero no Brasil, se não contarmos a reedição de “A Louca da Casa”, que também ficou entre os dez mais vendidos desta edição, assim como seu livro “A Ridícula Ideia de Nunca Mais te Ver”.

OS DEZ LIVROS MAIS VENDIDOS DA FLIP

- ✱1. “Educação da Tristeza”, de Valter Hugo Mãe (Biblioteca Azul)
- ✱2. “O Filho de Mil Homens”, de Valter Hugo Mãe (Biblioteca Azul)
- ✱3. “O Perigo de Estar Lúcida”, de Rosa Montero (Todavia)
- ✱4. “Triste Tigre”, de Neige Sinno (Amarcord)
- ✱5. “A Louca da Casa”, de Rosa Montero (Todavia)
- ✱6. “O Colibri”, de Sandro Veronesi (Autêntica Contemporânea)
- ✱7. “Brevíssima História do Conflito Israel-Palestina”, de Ilan Pappé (Elefante)
- ✱8. “Toda Poesia”, de Paulo Leminski (Companhia das Letras)
- ✱9. “A Ridícula Ideia de Nunca Mais te Ver”, de Rosa Montero (Todavia)
- ✱10. “Latim em Pó”, de Caetano W. Galindo (Companhia das Letras)

Montero, que é editada pela Todavia e autografou suas obras por mais de quatro horas depois de sua mesa no sábado, foi a segunda autora da programação com livros mais buscados mas entre ela e o campeão, Valter Hugo Mãe, está como vice o poeta Paulo Leminski, homenageado desta edição.

O israelense Ilan Pappé, que fez uma palestra de postura firme de denúncia contra seu país, foi o quarto escritor mais vendido, aparecendo com seus dois lançamentos pela Elefante, “A Maior Prisão do Mundo” e “Brevíssima História do Conflito Israel-Palestina”, entre os 15 livros no topo da lista.

Uma relativa surpresa foi a presença do livro da francesa Neige Sinno, “Triste Tigre”, na lista final dos cinco mais vendidos. Depois de uma participação comovente e elogiada em uma mesa com a portuguesa Anabela Mota Ribeiro na tarde de quinta-feira, ela chegou a ser a escritora mais procurada da livraria. Seu livro aborda o estupro sofrido na infância e faz um panorama sobre o trauma coletivo provocado por uma cultura de abuso sexual.

Ainda foram destaques na lista autores como Caetano Galindo, Sandro Veronesi, Mar Becker, Nei Lopes e Gaël Faye, além de Conceição Evaristo, que estava em Paraty sem integrar a programação principal.

Segundo a Flip, 20.473 livros foram vendidos nesta edição, que angariou um público de 34 mil pessoas, 10% a mais que na festa do ano passado.



Maria Eugénia Chellet



Maria Luisa Bemberg

Uma escuta crítica para o passado



Margarita Azurdia

Beth Ferrante retrata mulheres emblemáticas na exposição 'Não Sou Teus Olhos' na Galeria Cândido Mendes



Berthe Morisot



Tarsila do Amaral



Djanira

pós-moderna. Daí assumir flagrantes desvios das obras-referências, em lugar de mimetizá-las”, explica Beth Ferrante. “Destaco o aparecimento de textos feministas contemporâneos nos retratos das impressionistas Eva Gonzalès e Berthe Morisot, a presença da cor conceitual e antinaturalista no isolado ‘Djanira’, do azulado tabagismo ‘anti-status quo’ e os fragmentos de falas conscientes da cineasta argentina Maria Luiza Bemberg, da artista visual guatemalteca Margarita Azurdia, da multidisciplinar mexicana Maria Eugénia Chellet e da mineira Teresinha Soares, pioneira da performance e do debate de gênero. Todas integrantes de movimentos por direitos civis das mulheres, reivindicando igualdade política, social e jurídica”, acrescenta.

A artista revela que não está se propondo a transformar o passado, e sim “escutá-lo criticamente”.

SERVIÇO

NÃO SOU TEUS OLHOS

Galeria Cândido Mendes (Rua Joana Angélica, 63 – Ipanema)

Até 28/8, segunda a sexta (14h às 19h) e sábados (14h às 18h)

Uma galeria de retratos baseados em autorretratos de artistas mulheres emblemáticas da história da arte ocidental, latino-americana, do Leste Europeu, Oriente Médio e Brasil compõe “Não Sou Teus Olhos”, exposição individual que Beth Ferrante inaugura nesta quarta-feira (6) na Galeria Cândido Mendes, com curadoria de Denise Araripe.

Os retratos apresentados em pequenos e médios formatos revelam uma certa inconclusão deliberada que privilegia bustos frontais em escala direta. Individualizações gestuais e cromáticas flexibilizam os campos visuais, criando tensão entre representação e interpretação.

“O pressuposto é um enfrentamento e revisionismo crítico que transcenda o caráter meramente elogioso da citação - uma das características da apropriação